

Convite à compaixão

Interpretação e meditação a partir de Jonas 4.1-11¹

Milton Schwantes

Resumo

Esta reflexão se situa no espaço do ecumenismo. Resulta de um estudo bíblico no ambiente da 9ª Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, realizada em fevereiro de 2006, em Porto Alegre/RS. Jonas 4,1-11 realça que o convite à conversão inclui todas as pessoas, em especial também os estrangeiros. Quem não está entendendo esta potencialidade da palavra profética é 'Jonas', a comunidade pós-exílica.

Palavras chave

Jonas – profecia – conversão – respeito às nações – ecumenismo

**Professor da FaTeo e do
Programa de Pós-Graduação
em Ciências da
Religião/Umesp. Ênfase de
pesquisa: Antigo Testamento.
Doutor em Teologia pela
Faculdade de Teologia
Evangélica da Universidade
de Heidelberg, Alemanha.
E-mail:
milton.schwantes@metodista.
br**

¹ Esta meditação, em Jonas 4,1-11 como enfoque, foi redigida para os estudos bíblicos durante a 9ª Assembléia Geral do Conselho Mundial das Igrejas/CMI, em Porto Alegre/RS, em 14 até 24 de fevereiro de 2006, propriamente para a programação dos estudos bíblicos da manhã de 17 de fevereiro.

An Invitation to Compassion

Interpretation and meditation based on Jonah 4.1-11

Milton Schwantes

Abstract

This reflection is situated in the space of ecumenism. It is the result of a Biblical study offered in the midst of the 9th General Assembly of the World Council of Churches, realized in February of 2006, in Porto Alegre/RS. Jonah gives considerable importance to the invitation to conversion that includes all persons, especially foreigners. It is "Jonah", the post – exilic community, that does not understand the potential of this prophetic word.

Key words

Jonah – prophecy – conversion – respect for the nations – ecumenism.

Professor at the Theological Faculty and at the Postgraduate Program of Religious Studies/UMESP. Research: Old Testament. Ph.D. in Theology, Evangelical School of Theology, Heidelberg, Germany.
Email:
milton.schwantes@metodista.br

Invitación a la compasión

Interpretación y meditación a partir de Jonás 4.1-11

Milton Schwantes

Resumen

Esta reflexión se sitúa en el campo del ecumenismo. Es el resultado de un estudio bíblico efectuado en la 9ª Asamblea General del Consejo Mundial de Iglesias que se realizó en Febrero de 2006, en Porto Alegre/RS. Jonás 4,1-11 realza que la invitación a la conversión es extensiva a todas las personas y, en especial, también a los extranjeros. Quien no está entendiendo esta potencialidad de la palabra profética es 'Jonás', la comunidad posexílica.

Palabras clave

Jonás – profecía – conversión – respeto a las naciones – ecumenismo.

**Profesor de la FaTeo y del programa de posgraduación en Ciencias de la Religión/Umesp. Énfasis de investigación: Viejo Testamento. Doctor en Teología por la Facultad Evangélica de la Universidad de Heidelberg, Alemania.
E-mail: milton.schwantes@metodista.br**

Introdução

Nosso foco é o capítulo 4 de Jonas. A ele daremos atenção especial. Mas, a caminho desta tarefa, situaremos o livro como um todo e depois nos encaminharemos à última unidade literária de nosso profeta. Este 4º. capítulo necessita dos anteriores, ainda que seus conteúdos mais surpreendentes, em última análise, vão por trilhos próprios e inovadores. É o que, ao final, tentarei expressar.

1. Um livro em lugar especial

Os Doze Profetas Menores¹ conformam um conjunto peculiar. Vêm encabeçados por *Oséias*, um livro típico da escola teológica que conhecemos do livro do Deuterônomo; costumamos chamá-la de 'escola deuteronomista'². O mesmo grupo também elaborou o atual livro de Jeremias e outras partes do Primeiro Testamento. A *Oséias* segue *Joel*, um livro de outra perspectiva ao focar a vida humana sob as condições do assalto devastador de gafanhotos, e da queda do próprio sol que se obscurece. Com ele estamos em linguagem apocalíptica. *Oséias* e *Joel* encabeçam os Doze Profetas e nos indi-

cam as duas principais tendências propostas para sua leitura:³ por um lado, a 'escola deuteronomista' e, por outro lado, o apocalipsismo.

A *Oséias* e *Joel* seguem quatro livros que, quanto à teologia e aos conteúdos, se relacionam a *Oséias*. Trata-se de: *Amós*, *Obadias/Abdias*, *Jonas* e *Miquéias*. É evidente que aí *Amós* e *Miquéias* estão próximos quanto à ênfase de seus conteúdos; ambos se assemelham a *Oséias*. Estes, *Oséias*, *Amós* e *Miquéias* conformam um trio de livros de perfil e vocação deuteronomícos, em suas redações finais⁴. Entre *Amós* e *Miquéias* se situam *Obadias/Abdias* e nosso *Jonas*. Ambos têm conteúdos similares, se bem que contrários: em *Abdias* um povo estrangeiro-irmão — os edomitas — é profeticamente desmantelado e arrasado; e em *Jonas* sucede o contrário: uma nação-império, famosa por suas desmedidas crueldade e violência⁵, é celebrada como sendo apta para a conversão a Javé. Não

¹ Estes Doze Profetas Menores (*Oséias* e *Joel* – *Amós*, *Obadias/Abdias*, *Jonas* e *Miquéias* – *Naum*, *Habacuque* e *Sofonias* – *Ageu*, *Zacarias* e *Malaquias*) compunham um *sefer*/livro no cânon dos profetas, ao lado de *Isaías*, *Jeremias* e *Ezequiel*.

² Veja a respeito Martin Noth, "O deuteronomista", em *Revista Bíblica Brasileira*, Fortaleza, Nova Jerusalém, vol.10, 1993, p. 13-183 [original: *Überlieferungsgeschichtliche Studien* – 1. Die sammelnden und bearbeitenden Geschichtswerke im Alten Testament, Halle, Max Niemeyer, 1943, 224p.]

³ As tendências teológicas principais do Deuterônomo residem no apelo em prol da adoração do Deus único (Deuterônomo 6.4) e na ética da insistente insistência em favor da justiça e até do amor pelo mais carente (veja, por exemplo, o cap. 15 de Deuterônomo). Ambos os destaques são oriundos da profecia que, em parte, é concomitante e, em parte, precede ao livro do Deuterônomo.

⁴ Veja a respeito da deuteronomização a obra de Hans Walter Wolff, *Hosea, Dodekapropheten 1 -Hosea*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 2ª edição, 1965, p. XIV-XVII.XXIII-XXVII; *Dodekapropheten 2- Joel und Amos*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1969, p. 137-138; *Dodekapropheten 3- Micha*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1982, p. XVII-XXIII.XXVII-XXXVII. Veja ainda em relação a *Amós*: Werner Hans Schmidt, "Die deuteronomistische Redaktion des Amosbuches", em *Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft*, Berlin, Walter de Gruyter, vol.77, 1965, p. 168-193; Milton Schwantes, "A terra não pode suportar suas palavras" (*Amós 7,10*) – *Reflexão e estudo sobre Amós*, São Paulo, Edições Paulinas, 2004, p. 137-160 [Coleção Bíblia e História].

⁵ Veja *Isaías* 5.25-30+9.7-20, e *Habacuque* 1.5-11.

há de ser acaso que entre Amós e Miquéias se tenha alocado Abdias e Jonas, dois livros que se correspondem tematicamente, sendo, obviamente, o de Jonas o que se pretende contrapor ao de Abdias, ou seja, Jonas quer ser lido na tensão com o livro que lhe precede, Abdias.

Justamente a 'escola deuteronomica' tinha lá seus problemas em seu testemunho sobre os estrangeiros, em especial sobre os edomitas, estes irmãos e adversários⁶. Mas, a mesma 'escola' também sabia expressar admiração pelos povos e, em especial, pelo povo irmão dos edomitas, descendentes de Esaú ou/e de Israel⁷. Em meio a esta 'ambigüidade' na avaliação de Edom e, em geral, dos povos, em especial dos assírios, há que situar a tensão na avaliação de Abdias e de Jonas: ambos se situam no âmbito do deuteronomismo. Aliás, o deuteronomismo foi editor das profecias de Oséias e de Amós-Abdias-Jonas-Miquéias⁸. Ainda que nestes livros, anteriormente mencionados, poderes estrangeiros nem sempre merecem avaliação positiva (veja Abdias!), esta mesma 'escola deuteronomica' chega a designar o imperador babilônico de "servo de Javé" (Jeremias 27.6, veja Isaías 45), ao qual há que se submeter no contexto da história de Israel de 607-

597 (rei Joaquim) e de 597 a 587 (rei Sedecias). Abdias e Jonas situam-se no espaço deste debate, oferecendo duas propostas distintas, uma em Abdias (com avaliação dura contra Edom) e outra em Jonas (com menção da conversão de Nínive, a sede do império assírio).

2. 4.1-11 no final do livro de Jonas⁹

Quatro cenas caracterizam o livro de Jonas. Nossos versículos (4.1-11) correspondem à última. Para poder caracterizá-la, adequadamente, é necessário alocá-la no todo do livro.

Pode-se identificar em 1.1-17 (na numeração da *Bíblia Hebraica*) a primeira cena. Típico lhe é uma linguagem muito específica; expressa detalhes do navio e da navegação. Igualmente chama a atenção que Jonas se apresenta como hebreu e temente de Javé. É, pois, sabedor de sua fé, mas obviamente parece poder ignorá-la: confessa que Javé é seu Deus, mas — simultânea e contraditoriamente — imagina poder fugir deste Deus que "fez os céus e a terra" (1.9) que, portanto, está por toda parte. Jonas, que conhece a fé em Javé, pensa poder fugir de Javé, enquanto que os marinheiros, que inicialmente têm seus vários deuses (v.

⁶ Veja também Gênesis 25.19-36,43; Amós 1.11-12.

⁷ Veja Gênesis 16; 21.8-21! Veja a respeito Marli Wandermuren, *Riso, gracejo e herança - Espaços de conflitos em Gênesis 21.1-21*, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 1998, 160 p.

⁸ Veja a respeito das observações exegéticas de Hans Walter Wolff, em seus comentários acima mencionados (nota n.2) sobre Oséias, Amós e Miquéias, e sobre Obadias/Abdias e Jonas: Hans Walter Wolff, *Dodekapropheten 3 - Obadja und Jona*, Neukirchen, Neukirchener Verlag, 1977, p. 3-4.5-6.53-67 [Biblischer Kommentar Altes Testament 14/3].

⁹ Veja Nancy Cardoso Pereira, "Lições de cartografia: Pequena introdução ao livro de Jonas", em *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, Petrópolis, Editora Vozes, vol.35-36, 2000; Milton Schwantes, "Jonas - Os ninivitas creram em Deus", em *Mosaicos da Bíblia*, São Paulo, Centro Ecumênico de Documentação e Informação/CEDI, 1991, n.1, 12 p. (veja o mesmo ensaio também em *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, Editora Vozes / Editora Sinodal, vol.31, 1991, p. 27-34, e em *500 anos de evangelização "vai e fala" / Dia da Bíblia*

5-6), se convertem a Javé e a ele gritam e oram (v. 14.16).

A segunda cena se encontra em 2.1-11¹⁰. A parte narrativa como que se restringe a 2.1-2 (+ “e disse” do v. 3) e 2.11. A crítica literária inclusive tende a sugerir que somente se considere estes três versículos como conexão entre a primeira (1.1-17) e a terceira cena (3.1-10). Acontece que o salmo de lamento e de gratidão¹¹ de 2.3-10 não combina propriamente com outros detalhes do livro de Jonas¹². Aqui, não nos cabe entrar neste detalhamento. Mas, de todo modo convém anotar que o salmo propriamente dito, a rigor, não se adequa às condições de vida de Jonas, derivadas do capítulo 1.

O cenário de 3.1-10 retoma 1.1-17! E 3.1 está em relação com 1.1! Agora, Jonas segue para Nínive. E lá anuncia. Mas o faz a um dia de caminho, quando a cidade requer três dias para percorrê-la! E só se vale de cinco palavrinhas para dizer sua mensagem: “ainda quarenta dias e-Nínive será-destruída” (v. 4). Como se vê, no português, precisamos inclusive de mais algumas palavrinhas para poder expressar o que as cinco palavrinhas hebraicas dizem.

As palavras proféticas ditas são poucas, mas o efeito passa a ser gran-

de: “as pessoas de Nínive creram” (v. 5). Entram imediatamente em jejum e penitência. O mesmo faz o rei (v. 6). E este inclusive, por decreto, ordena penitência e conversão para seus súditos, na expectativa de que também Deus se converta e não destrua a cidade. E, de fato, Deus se converte (v.10)!

A conversão dos ninivitas e de Deus constitui-se nos conteúdos que o trecho do capítulo 3 celebra. No capítulo 1, o cenário não era outro; também aí os marinheiros se converteram. Passaram a adorar a Javé e a segui-lo. E Jonas também estaria convertido? Ora, no capítulo 3, o narrador o abandona logo depois que anunciara suas cinco palavrinhas (no v. 4); depois passara a enfocar os ninivitas. E Jonas? Eis o assunto do capítulo 4!

¹Mas isso trouxe a Jonas um grande desgosto, e ele ficou irado. ²Orou então a Javé dizendo: ‘Ah! Javé, não era justamente isso que eu dizia quando estava ainda em minha terra? Por isso fugi antes para Társis; pois eu sabia que tu és um Deus de piedade e ternura, lento para a ira e rico em amor e que se arrepende do mal. ³Mas agora, Javé, toma, eu te peço, a minha vida, pois é melhor para mim a morte do que a vida.’ ⁴Javé disse: ‘Está certo que te aborreças?’ ⁵E Jonas tinha saído da cidade e se havia instalado a leste da cidade. Lá construiu uma choça e assentou-se à sua sombra para ver o que aconteceria na cidade. ⁶Então Javé Deus ordenou a uma mamoneira que crescesse sobre Jonas, para dar sombra à sua cabeça e libertá-lo do seu mal. Jonas alegrou-se grandemente por causa da mamoneira. ⁷No outro dia, ao surgir a aurora, Deus mandou um verme que picou a mamoneira, a qual secou. ⁸Quando o sol se levantou, Deus mandou um vento oriental ardente; o sol bateu na cabeça de Jonas e ele desfalecia. Então pediu a morte e disse: ‘É melhor para mim morrer do que viver.’ ⁹Deus disse

1991, São Leopoldo, Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos/CEBI, 1991, p. 7-15.

¹⁰ Na numeração da *Bíblia Hebraica!*

¹¹ Veja a respeito, por exemplo, Tércio Machado Siqueira, *Tirando o pó das palavras: História e teologia de palavras e expressões bíblicas*, São Paulo, Editora Cedro, 2005, p. 92-95.

¹² A respeito do detalhamento exegético veja o comentário de Nelson Kilpp, *Jonas*, Petrópolis, Editora Vozes, 1994, 128 p. (Veja aí demais bibliografia nas p. 31-33)

a Jonas: 'Está certo que te aborreças por causa da mamoneira?' Ele respondeu: 'Está certo que eu me aborreça até a morte.' ¹⁰E Javé disse: 'Tu tens pena da mamoneira, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer, que em uma noite existiu e em uma noite pereceu. ¹¹E eu não teria pena de Nínive, a cidade grande, onde há mais de cento e vinte mil pessoas que não sabem distinguir entre direita e esquerda, assim como muitos animais?' (Jonas 4,1-11)¹³.

3. "Não hei de ter compaixão?" (cap. 4)

Em duas pequenas subunidades se manifestam, no capítulo 4, os objetivos do livro: os v. 1-5 estão centrados na queixa de *Jonas a Deus*; e os v. 6-11 culminam na pergunta de *Deus a Jonas*. No começo, Jonas conduz o texto; depois Deus é sujeito das ações. Em ambas as partes há uma breve interferência do interlocutor: no v. 4, de Deus; no v. 9 de Jonas. Por aí se vê o quanto uma das partes se correlaciona à outra.

3.1. "Ficou irado" (v. 1-5)

No início destes v. 1-5, Jonas está desgostoso e irado (v. 1). Considera-se "um mal grande", o que lhe foi feito à medida que os ninivitas se converteram. Jonas "irou-se"; sua ira voltou-se contra ele.

Neste início, no v. 1, o repúdio do profeta Jonas ao "arrependimento de Deus do mal" (3.10), que pretendia fazer contra os ninivitas, é, pois, enfático. É expresso por dois verbos hebraicos "desgostou-se" e "ficou irado". E, além

disso, "o arrependimento de Deus do mal", que estava por realizar, é, por sua vez, tido por Jonas como lhe sendo "um mal grande"! Este "o mal" que Deus não realiza é, para Jonas, "um mal grande"! Quem escreveu esta narrativa sobre Jonas sabia escrever!

Parece oportuno comparar, desde já, o final desta nossa subunidade ao v. 1: ora, o v. 5 já não expressa de modo tão marcante o desacordo de Jonas, com os acontecimentos em Nínive. No v. 5, já não se fala em desgosto, mas em espera. Aguarda-se pelo que há de vir: Jonas quer "ver o que aconteceria à cidade".

Inclusive se prepara para longa espera. Jonas como quem não tem pressa; esta estará com Deus, como veremos na próxima cena. Fora da cidade, "fez uma enramada, e repousou debaixo dela, à sombra". Eis um profeta sem imersão em sua própria palavra profética, ainda que só tenha sido de cinco palavrinhas (3.4)! Amós e Miquéias, para só mencionar a estes, em comparação a Jonas, sofriam com a palavra; eram perseguidos e ameaçados. Mas também sofriam dores pessoais e perseguições continuadas por causa da palavra de denúncia e de acusação, às quais chegam a opor-se, como aprendemos de Jeremias. Nada disso temos em Jonas. A ele lhe agrada uma enramada!

Eis um profeta que à ira faz seguir o sossego! Parece-me que não lhe cabe nem um, nem o outro! Ou estaríamos aqui diante do resultado da oração e da resposta dada por Deus (v.2-4)?

O v. 2 é oração de Jonas. Expressa desespero: "ah, Javé!". Mas, estranhamente, este desânimo provém da gratuidade de Javé. Nela está a razão da fuga

¹³ Nelson Kilpp, Jonas, p. 117.123.

de Jonas para Tárzis. Acontece que os atributos de Javé-Deus geram desânimo. Ele é:

“Deus clemente
e misericordioso,
tardio em ira
e grande em solidariedade
e se arrepende do mal.”

(4.2)

A rigor, em tamanha gratuidade, nem resta espaço para o mal ou a ira. Afinal, não só são muitos os atributos benevolentes de Deus, mas principalmente, eles são cinco, são plenos! Neste Deus não há espaço para o mal! Em tendência, diz aqui que “Deus é amor” (1João 4.8).

Diante deste Deus-Vida, a rigor não resta alternativa a Jonas. Em sua oração pede pela morte (v. 3). Se Deus significasse, de todos os modos, morte e destruição (3.4) para Nínive, então sua vida faria sentido. Mas, como sucede o contrário, a palavra profética que gera arrependimento implica em chance de vida. No relacionamento com Javé, a profecia-graça lhe implica em morte. Jonas vê perigo de morte, onde para Deus, renasce a vida! A graça divina que transforma em uma vida nova é entendida, por Jonas, como ameaça à vida!¹⁴ O protesto de Jonas dá-se, pois, contra uma experiência teológica elementar. Penso que o problema não é, em si, a tese em questão: “Deus é clemente”, mas, a aplicação desta experiência do Deus dos profetas aos devastadores impérios estrangeiros.

¹⁴ Aqui estou aludindo ao tema da 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas: “Deus, em tua graça, transforma o mundo”.

Afinal, os assírios foram muito impiedosos em suas guerras. Como haveria lugar para eles junto ao “Deus grande em misericórdia”? A isso nosso livro reage: o arrependimento abre novas portas! Até pode abri-las para Nínive-Assíria! Esta tese não só aparece aqui, mas aqui, em Jonas, está expressa de modo extraordinário.

O v. 4 indica para os v. 6-11. Lá, em especial no v. 9b, se encena ira e graça de Deus! No português de Almeida, leio, a frase em questão, no v.4, da seguinte maneira: “é razoável esta tua ira?”. Se ficarmos numa versão mais literal, deveremos traduzir: “fica boa a ira para ti?”. No caso, fica mais claro que, de todo modo, o visado é Jonas: “para ti” / “em relação a ti”. É ele quem está se prejudicando. Algo que lhe poderia ser bom e bonito torna-se-lhe somente em “ira”. A graça deseja o que é bom e bonito. Jonas se vai pelo que nos dá dor: a ira. Deus prefere o que nos dá alegria: a compaixão, a solidariedade.

É esta a dimensão que prevalece nos versículos finais, em v. 6-11.

3.2. “Tens compaixão...” (v.6-11)

Nestes v. 6-11, encontramos duas partes, a do v. 6-9, relacionada à planta de sombra para Jonas, e a dos v. 10-11, com seu questionamento final. Em ambas, Javé é sujeito, no que difere dos v. 1-5.

Nesta primeira parte, a dos v. 6-9, chega-se ao resultado já conhecido do v. 4: Jonas se afoga na ira (v. 4 e v. 9b). Lá a razão estava na misericórdia demons-

trada por Deus aos ninivitas. Aqui, nos v. 6-9, o motivo é outro.

Sobre a cabeça de Jonas cresce uma "planta" (um *qiqayon*) para "livrá-lo de seu mal" (v. 6). Surpreende que a finalidade da planta não culmina na sombra que dela lhe advém, agregada, assim entendo, à enramada, que já havia sido feita por Jonas (veja v. 5). A razão desta planta está em "livrar"; este verbo se usa para designar o resgate, em especial também o resgate diante do pecado e do mal¹⁵. E este, surpreendentemente, é aqui o caso, porque o livramento acontecerá em relação ao "seu mal", ao mal que vem acometendo a Jonas, por exemplo, seu anseio pela morte (v. 4 veja v. 9). Ao referir-se a condições concretas, nosso livro torna a linguagem oscilante. Deixa a pender para novos sentidos. Tais oscilações ou até transmutações nas palavras também se encontram no final do v.6. Aquela planta (e enramada) enlevam Jonas a uma alegria desmesurada; o texto hebraico diz que ele "se alegrou... com alegria grande".

Os v.6-7 desfazem o belo feito de Deus, ao propiciar uma planta a nosso Jonas.

Do modo como Javé-Deus "fez nascer uma planta" (v. 6), fere-a e seca-a (v. 7). Assim não procede — haveria que acrescentar — em si, mas por causa da "lição"¹⁶ que se faz necessária para Jonas.

¹⁵ Veja U. Bergmann, artigo *nsl* "salvar", em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, editado por Ernst Jenni e Claus Westermann, Madrid, Ediciones Cristiandad, vol.2, 1978.

¹⁶ Na tradução de João Ferreira de Almeida, os v. 6-11 vem sobre-escritos pelo título "a lição do Senhor".

A linguagem aqui se referencia claramente à sabedoria, ao que é pedagógico.

Com a seca da planta (v. 6), estaríamos de volta às condições da enramada (v.5). A piora vem com as duas novas medidas divinas, narradas no v.8. Por um lado, Deus acrescenta "um vento calmoso oriental". Este a rigor é o vento seco e esturricante que sopra pelas tardinhas do verão¹⁷. Vindo dos desertos, a tudo resseca! Por outro lado, vem o sol! Sua ação é devastadora, quando simultâneo com o vento das secas. Jonas, tão feliz sob a enramada e a planta do v. 6, volta a seu caminho, como que 'normal': anseio pela morte; "melhor é minha morte!" (v. 8b).

O v. 9 é o resumo: Deus formula a pergunta, Jonas dá a resposta. Ambos são conclusivos! A resposta radicaliza a pergunta.

A pergunta de Deus é a mesma que se encontra no v. 4: "fica boa a ira para ti?". 'Bom' significa aqui 'adequado'. E a ira, no hebraico, vem expressamente acompanhada por um complemento: "para ti" / "em relação a ti"¹⁸. Em jogo não está, pois, a ira em si, mas a ira na relação.

Agora também, diferente do v. 4, é a resposta de Jonas. Na relação do v. 4 para o v. 5, poderia parecer que Jonas estaria recuando diante da pergunta de Deus. Este pode ter sido o caso nos v. 2-4 em sua relação com o v. 5. Mas este agora deixa de ser o caso. Ao contrário, Jonas até se excede em sua resposta.

¹⁷ Na Palestina, é chamado de siroco.

¹⁸ Georg Sauer, artigo *hrh* "ira", em *Diccionario teológico manual del Antiguo Testamento*, editado por Ernst Jenni e Claus Westermann, Madrid, Ediciones Cristiandad, vol.1, 1978.

Pois, em continuidade ao v. 8, passa a considerar que não só “fica boa a ira para mim?”, para ele, como a quer “até minha morte”. A morte venceu. Ela venceu na própria vida!

Jonas, rápida e prontamente, vai de “alegrar-se... com alegria grande” ao anseio pela morte. Em ambos os casos, a fonte de alegria ou anseio pela morte é a ação de Deus. Ao agir em prol dele, a alegria abunda; ao dedicar-se aos estrangeiros ninivitas a morte vira seu anseio. Vida e morte viraram mingau!

Nos v. 10-11, termina a narração, o próprio livreto. E o faz com uma pergunta (v. 11). Este estilo de concluir um livro com uma pergunta há de ser *sapiencial*. A sabedoria pós-exílica é a tradição judaíta que inquieta as comunidades. A profecia serve ao autor de pano de fundo (em especial no cap. 3). Leu-a. Conhece-a. Auxiliado por esta vertente profética, elabora uma história profética, que bem poderia estar na continuação de 2Reis 14.25¹⁹. Personagens antigos, sem grande perfil como este Jonas de 2Reis 14.25, passam a ser fontes de novas histórias, em nosso caso similar a textos proféticos, mas aqui basicamente re-elaborados em estilo sapiencial.

O v. 10 retoma o cenário anterior; e o v. 11 se lança a um novo conteúdo em forma de pergunta, de convite à reflexão. Neste v. 11, se expressa o sentido do livro: uma história para pensar e repensar.

¹⁹ “Restabeleceu ele as fronteiras de Israel... segundo a palavra do Senhor, Deus de Israel, a qual falara por intermédio de seu servo Jonas, filho de Amitai o profeta, o qual era de Gate-Hefer.” (Veja 2Reis 14.25.)

No v. 10, Javé caracteriza Jonas como quem tivesse tido compaixão da planta, aquela do v.6. A rigor, disso nada se nos diz v. 6-9. Pelo contrário, ao secar-se a planta, Jonas “pediu para si a morte”. A ‘compaixão’, que poderia ter tido, teria sido dirigida a si mesmo, mas nem esta teve. Pois, a morte é ‘quem’, de imediato, quis abraçar. Nada de ‘compaixão’! São, pois, os olhos de Deus que transformam o coração, tornando-o melhor que era. Sim, a graça transforma! Chega a fazer da pessoa algo mais e melhor do que são!

Jonas se indigna com a segura que se apossa da planta, sem que, em nada, tenha colaborado com ela. Por ela “não se cansou”²⁰, nem teve trabalhadeira. “E não a fez crescer.” Como a planta não provém de Jonas, é Deus quem lhe traça o caminho. Aliás, na sabedoria, os caminhos da vida, muitas vezes, são caracteristicamente ação divina (veja Eclesiastes 3.9). São mistérios.

No v. 11, é que se entende porque Jonas teria tido, de acordo ao v. 10, a tal compaixão que não teve. É que Deus teve “compaixão”²¹... da cidade grande”. Jonas teve, ou melhor, teria tido, “compaixão da planta”, como Deus poderia deixar de ter a mesma compaixão de “Nínive, a cidade a grande”²².

²⁰ O verbo “cansar-se”, “trabalhar” (*ml*) expressa a faceta do cansaço, da trabalhadeira que se realiza em vão, sim, aproxima-se do verbo que expressa o trabalho escravo (*bd*).

²¹ Veja a respeito do verbo *hvs* “ter compaixão” em questão o comentário de Hans Walter Wolff, *Jonas*, p. 148.

²² Tradução literal do hebraico: “Nínive, a cidade a grande”!

Esta ênfase no tamanho da cidade ajuda a argumentar em prol de sua preservação. A menção das cento e vinte mil pessoas, que nela vivem e que perfazem que "a cidade" seja "a grande", igualmente realça a premência de não destruí-la. Sim, inclusive a incapacidade de a população discernir "entre a mão direita e sua esquerda" aparece como argumento em favor da preservação da cidade. E, por fim, os "muitos animais" que lá existem também falam em favor da compaixão à cidade.

Surpresa! O v. 11 não se refere ao arrependimento mencionado no capítulo3! A decisão em prol da preservação da cidade está no argumento de Deus e não na postura de conversão do povo, do rei e até dos animais, como se lê no capítulo3. Isso indica que realmente é a própria clemência e misericórdia de Deus (v. 2!) que desativa qualquer castigo destrutivo! O arrependimento de Deus (3.9-10) 'só' seria uma maneira provisória de expressar sua ação de amor e clemência. Em última instância a própria liberdade de Deus é compaixão! Veja neste sentido, por exemplo, Oséias 11.8-9 e 14.2-9!

Graça transforma, porque é livre, como o diz Oséias 14.5! Por isso, transformar não 'depende de', em última análise nem mesmo da conversão, mas nada mais é que o outro lado da compaixão e da misericórdia, enfim da gratuidade.